

A VIOLÊNCIA E O SACRIFÍCIO NO EVANGELHO DE SARAMAGO

Lilian Lopondo*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo o estudo da violência no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de autoria de José Saramago, no intuito de verificar o significado do sacrifício imposto à personagem principal e a seu pai. Para tanto, tomou como base as reflexões de René Girard a respeito do sacrifício e chega à conclusão de que o Escritor português questiona e subverte a função que ele (o sacrifício) desempenha na comunidade e lhe confere um outro papel, determinante da leitura dos evangelhos canônicos sob nova perspectiva.

PALAVRAS-CHAVE: violência; sacrifício; rito; dualidade; paródia.

Graças a ele (o sacrifício) as populações permanecem serenas e não se agitam. Ele reforça a unidade da nação (Ch'uyü, II, 2). O *livro dos ritos* afirma que os sacrifícios, a música, os castigos e as leis têm uma única finalidade: unir os corações e estabelecer a ordem. (René Girard)

O romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, divide-se em duas partes: a primeira relata a história de José, marido de Maria e pai de Jesus — um carpinteiro

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa Universidade de São Paulo - USP e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM.

ro medíocre a quem “ falta um golpe de asa” – , corroído pelo remorso de se sentir responsável pela matança das crianças menores de três anos de idade, ordenada pelo rei Herodes. A segunda centra-se na trajetória de Jesus Cristo, desde o seu nascimento, seu contacto com o Pastor, suas pregações junto a seus seguidores, passando pelas relações amorosas com Maria de Magdala até a morte na cruz. Tais momentos unem-se por intermédio de dois fatores comuns: os sonhos que atormentam José e Jesus e o sacrifício a que ambos são submetidos. Tanto num caso como no outro a violência constitui-se em dado relevante a marcar o caminho das duas personagens e culmina com a morte de ambas na cruz.

O exame de como se entrecruzam a violência e o sacrifício na obra e em que medida se vinculam ao sagrado constitui-se em meta a ser alcançada durante o desenvolvimento deste trabalho.

René Girard, em *A Violência e o Sagrado* (1998), publicada pela primeira vez em 1972 e cuja citação serve de epígrafe a este estudo, desenvolve uma extensa reflexão a respeito do sacrifício, na qual não só coloca em xeque as considerações de outros autores que se debruçaram sobre o assunto (Marcel Mauss, Lévy-Strauss e Freud, entre outros) como também lança novas luzes sobre ele. Segundo as palavras do apresentador da obra, Edgard de Assis Carvalho, Girard

Põe na arena da discussão a polêmica idéia de que os homens são governados por um mimetismo instintivo responsável pelo desencadeamento de ‘comportamentos de apropriação mimética’ geradores de conflitos e rivalidades de tal ordem que a violência seria um componente natural das sociedades humanas a ser incessantemente exorcizado pelo sacrifício de vítimas expiatórias. (Girard, 1998: 7)

Para alcançar tais conclusões, o antropólogo francês inicia sua argumentação centrando-se nas comunidades primitivas e, à medida que suas ponderações se desenvolvem, focaliza, também, a

nossa sociedade (não sem antes deixar claras as similitudes entre aquelas e esta), que trocou o sacrifício pelo sistema judiciário. Seu ponto de partida reside na premissa de que o sacrifício, cuja feição é eminentemente simbólica, apresenta-se, nos rituais, sob um duplo aspecto: de um lado, é tido como “algo muito sagrado” (*Id., ibid.*: 9), portanto legítimo e público, e, de outro é considerado um crime, ilegítimo, “quase furtivo” (*Idem*). Entretanto, qualquer que seja a perspectiva através da qual seja examinado, há que ressaltar que o sacrifício, humano ou não, apresenta profundas ligações com a violência, o que leva o autor afirmar, tomando a tragédia grega como ponto de apoio, que “não há violência que não possa ser descrita em termos de sacrifício” (*Id. Ibid.*: 11)

Tal violência, cujo papel é desconhecido dos participantes dos ritos sacrificiais primitivos (e contemporâneos), só se atenua e desvia o seu centro de atenção do indivíduo mediante um mecanismo de substituição, uma válvula de escape, uma vítima que se interponha entre a violência e ele, como é o caso da imolação dos animais, tão freqüente no Antigo quanto no Novo Testamento. Além do mais, a troca de uma vítima por outra termina por acarretar a “aproximação” de ambas por meio do processo mimético acima referido, conforme o qual a vítima deve assemelhar-se àquele que substitui: há estudos realizados por Evans-Pritchard e G. Lienhardt (*Apud Girard*, 1998: 11) com povos pastoris do Alto Nilo nas quais o sacrifício ainda vigora e em que “o gado encontra-se estreitamente associado à existência humana”. Este processo de substituição e de identificação será comentado e ampliado quando da análise do romance de José Saramago ora em pauta.

A vítima sacrificial, cuja morte a faz sagrada — não seria sagrada se não fosse morta, uma vez que ela é o elemento mediador entre o sacrificador e uma divindade —, nada tem a ser “expiado”, não cometeu nenhuma ofensa grave ou crime, mas é preciso que seja sacrificada a fim de que, como fazem depreender as palavras citadas do *Livro dos Ritos*, a violência não se dissemine pela socie-

